



Historicidade e ensino: reflexões sobre os gêneros em diferentes línguas

Editorial

As perspectivas do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 2012; SCHNEUWLY, DOLZ, 2004) e das Tradições Discursivas (COSERIU, 1981; KOCH, 1997; KABATEK, 2005, 2006, 2015; ANDRADE, GOMES, 2018) compartilham a concepção de que os gêneros textuais/discursivos são atualizações que se constroem nas atividades de enunciação e resultam, portanto, de práticas intersubjetivas, interacionais e sociocognitivas, ancoradas na cultura e na história. Nesse sentido, o gênero não é tomado como um produto acabado e estável, mas como uma unidade de sentido, contextualmente e historicamente situada, para a qual confluem diversos processos de construção ao longo do tempo. A partir dessa visão processual acerca das regularidades dos gêneros e da língua, a dimensão histórica pode dar bases para aprofundar a leitura, a escrita, a oralidade e a reflexão linguística. Portanto, subjaz, nos trabalhos publicados neste dossiê, a ideia de que há potencialidade na articulação entre os modelos de ISD e TD, ainda que cada modelo desses possa partir de construtos teóricos e de modos de olhar para o texto distintos. Por outro lado, da convergência emergem as seguintes questões que mobilizaram as pesquisas apresentadas: como avançar na didatização, utilizando a historicidade dos gêneros e da língua? Quais são as dimensões ensináveis?

Um dos giros linguísticos que evidenciaram o ponto de vista histórico partiu das ideias de Eugênio Coseriu, por meio da teoria da Linguística Integral, que é “um convite a descobrir o mundo dos fenômenos com toda sua riqueza: todas as dimensões possíveis da linguagem humana, das línguas e dos textos” (KABATEK, 2015, p. 26). Coseriu, ancorado nas proposições de Saussure sobre sincronia e diacronia, concebe, então, um modelo triádico sustentado na relação entre sincronia, diacronia e historicidade. Ao discutir acerca da

historicidade dos atos de fala, por volta de 1979, Coseriu apresentou três conceitos distintos (KABATEK, 2005, p. 161-164):

- i) historicidade linguística *strictu senso* (historicidade da língua dada),
- ii) historicidade como tradição (i.e., recorrência) de determinados textos ou de determinadas formações textuais,
- iii) historicidade genérica no sentido de uma “pertença à história”.

A historicidade de uma língua em particular evidencia a condição dos humanos como seres históricos e sociais, capazes de, criativamente, por meio de ações linguísticas, recriarem a língua. Já a historicidade como tradição engloba todas as manifestações culturais que se repetem em uma dada comunidade. No que diz respeito à linguagem, a tradição configura-se no repertório de modos de dizer recorrentes, seja em gêneros ou fórmulas textuais, a exemplo de um romance ou do enunciado introdutório de um conto infantil “Era uma vez...”. O último conceito corresponde ao fato de que cada gênero realizado é um acontecimento situado historicamente em algum lugar. Sendo assim, os gêneros, a língua que os materializa, assim como as suas múltiplas dimensões composicionais passam por processos de repetição ou de rupturas a partir do repertório de modos de dizer anteriores.

Do segundo aspecto de historicidade emerge o conceito de Tradição Discursiva como “a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de um modo particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio” (KABATEK, 2006, p. 157). Percebe-se, assim, que Tradição Discursiva não é sinônimo de gêneros, ainda que os gêneros possam ser tomados como tradições discursivas. Este modelo vai além ao englobar diferentes dimensões de tradicionalidade que fazem parte dos modos de fazer textos: tradicionalidade dos gêneros; tradicionalidade composicional; tradicionalidade dos tipos discursivos; tradicionalidade estilística; tradicionalidade dos modos de dizer. Os trabalhos que compõem este dossiê estão ora mais próximos ora mais distantes desse modelo, mas todos compartilham do ponto de vista da historicidade.

A partir da Linguística Integral de Eugenio Coseriu, de onde emergem as primeiras reflexões sobre TD (COSERIU, 1981), busca-se refletir sobre a compatibilidade teórico-metodológica entre esse modelo e o modelo de ISD, uma vez que, tanto para Coseriu quanto para o ISD, é com a linguagem que se desenvolvem as especificidades humanas como seres sociais, históricos, cuja cognição é intencionalmente situada. A história é um ponto de convergência, pois, Coseriu (1981, p. 24) fez, em seu tempo, elucubrações sobre “até que

ponto o falar está determinado pelo conhecimento histórico das coisas, e em certos contextos próprios de certa comunidade”; enquanto Bronckart (2012, p. 72), em tempos mais recentes, ressalta que “no curso da história, no quadro de cada comunidade verbal, foram elaborados diferentes ‘modos de fazer’ textos, ou diferentes espécies de texto”.

Assim, a historicidade é um dos elementos de identificação dos modos de dizer e dos modos de fazer textos. Quando falamos de historicidade, estamos também nos reportando ao contexto em que os modos de dizer e de fazer engendram os textos. Consequentemente reforçamos a ideia de que a descrição e a análise de fenômenos linguísticos se fazem atreladas a seu contexto de atualização. Atendemos, assim, à imperiosa necessidade de se analisar um gênero considerando o contexto, social e situacional, em que é realizado, uma vez que sabemos não existir gênero que não seja afetado pelo contexto.

Portanto, estudar rigorosamente as regularidades do gênero exige tomar em conta também *corpora* históricos e as normas convencionais que compreendam os conteúdos; a estrutura semiótica e comunicativa; as configurações de unidades linguísticas; bem como aspectos sociais e discursivos. Nesse sentido, o objetivo deste dossiê é, pois, fomentar discussões teóricas, metodológicas e analíticas contemplando a historicidade de gêneros orais, manuscritos, impressos e digitais, com foco nas possibilidades de didatização da historicidade dos gêneros e da língua e de validação didática de novos dispositivos de ensino.

Para o grupo HISTEL, os textos aqui reunidos representam uma primeira tentativa de explorar uma linha de pesquisa nova sobre a possibilidade e a potencialidade da historicidade no ensino das línguas. Quatro questões orientam o conjunto de trabalhos reunidos neste volume:

1) A perspectiva da linguística integral de Coseriu pode ser considerada compatível com os pressupostos teóricos do interacionismo sociodiscursivo relativos ao ensino de gêneros textuais na escola?

2) Que precauções metodológicas exige a análise da historicidade dos gêneros de texto, e em particular dos gêneros orais?

3) Como modelizar didaticamente a historicidade dos gêneros de texto?

4) Quais são as potencialidades dos dispositivos didáticos propostos pelos pesquisadores?

Esses questionamentos foram abordados e deram os primeiros frutos, que foram apresentados à comunidade acadêmica, no período entre 5 a 7 de julho de 2021, em San

Sebastián – Espanha, na ocasião do VII Encontro Internacional do Interacionismo Sociodiscursivo, com o tema: “*Le langage comme activité: recherches et pratiques didactiques dans un monde multilingue*”. Esse evento, durante o qual foram apresentadas as primeiras pesquisas realizadas pelos integrantes do grupo HISTEL (Historicidade do texto e ensino de língua) ocorreu nas modalidades presencial e remota, em virtude do contexto de pandemia provocado pela Covid-19. Este dossiê traz a público as reflexões mais recentes, desse coletivo, acerca dos gêneros em diferentes línguas, dando ênfase às questões de historicidade e ensino.

O grupo HISTEL foi criado em 2019 e é composto por estudiosos da Université de Genève, Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, Universidade Nacional de Rosario e Universidade Nova de Lisboa, compreendendo quatro países: Argentina, Brasil, Portugal e Suíça. O conjunto de pesquisadores do HISTEL vem atuando no sentido de: i) organizar um acervo documental com gêneros orais, manuscritos, impressos e digitais de diferentes momentos históricos; ii) analisar diferentes gêneros sob as perspectivas do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) e das Tradições Discursivas (TD); iii) propor modelos didáticos para o trabalho com gêneros em sala de aula, discutindo dimensões convenientes para o ensino, com atenção particular para a historicidade dos elementos do repertório linguístico-discursivo; e iv) verificar as possibilidades de didatização da historicidade dos gêneros e da língua e de validação didática de novos dispositivos de ensino.

Os oito artigos que compõem este dossiê sinalizam, como já apontado, as primícias de uma nova rede internacional de pesquisadores que estuda a possível (e profícua) relação entre historicidade dos gêneros e ensino de línguas. Essas e outras questões foram, de certa forma, contempladas ao longo da obra, com o intento não só de trazer à luz estudos que vêm sendo desenvolvidos pelos pesquisadores integrantes do HISTEL como também levantar reflexões que possam contribuir com as questões de pesquisa e com o ensino dos gêneros.

No primeiro artigo, que tem por título ***Problemas metodológicos para a análise de textos históricos: o caso "Fusca" (1950-1970)***, Diego Bussola e Florencia Miranda levantam alguns problemas metodológicos que se colocam para a análise de textos históricos, tais como a contextualização, a confiabilidade e o possível olhar anacrônico e a conformação do *corpus*. A partir de um exemplo concreto - o caso das campanhas publicitárias de um carro da

Volkswagen no Brasil nas décadas de 1950 e 1960, “o caso «Fusca»”, e ancorados no Interacionismo Sociodiscursivo, apontam elementos para a construção de um desenho metodológico adequado tanto para a análise de textos históricos quanto para a análise da historicidade de gêneros textuais.

No artigo seguinte intitulado ***Permanências e inovações no editorial jornalístico em duas línguas: o percurso do impresso ao digital***, Aurea Zavam e Valéria Gomes, voltando as lentes investigativas para as tradições discursivas, buscam apreender vestígios de permanência e traços de inovação do gênero a partir da análise de editoriais (impressos e digitais) de dois grandes jornais, um de língua portuguesa e outro de língua espanhola. Os resultados alcançados atestam não só o processo de reelaboração em decorrência das transformações pelas quais passou o editorial bem como o caráter supraidiomático da maior parte das tradições discursivas. Para além dessas constatações, as autoras apontam sugestões para que a historicidade dos gêneros possa ser levada à sala de aula, como base no que orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Na sequência, no artigo ***Voto de Ministro do Supremo Tribunal Federal: historicidade e didatização de um gênero jurídico***, Joaquim Dolz, Rosalice Pinto e Carla Teixeira apresentam o estudo exploratório de um *corpus* relativo a um gênero jurídico particular: o *voto de Ministro do Supremo Tribunal Federal*, que tem como objetivo analisar as regularidades do gênero e sua evolução na tradição jurídica brasileira do início do século XX até a atualidade. Resultados preliminares demonstram sobretudo a pertinência da análise da historicidade do gênero e das potencialidades da modelização didática proposta para a formação profissional retórica oral e escrita.

No artigo intitulado ***Le roman historique : pour une modélisation didactique d'un genre scolarisé via la littérature de jeunesse***, Diane Boër investe na relevância da noção de tradição discursiva no quadro da modelagem didática de gênero para identificar os objetos de ensino do gênero romance histórico trabalhado no Ensino Médio I, na Suíça francófona, no contexto do interacionismo sociodiscursivo (BRONCKART, 1996) e da teoria de gênero na escola. Considerando as condições socio-históricas em que o gênero surge na França do século XIX sob a influência do movimento romântico, a autora propõe um modelo didático de gênero que valoriza a situação comunicacional e leva em conta a historicidade do gênero, ressaltando ao final o ensino do francês em sala de aula como língua de escolarização do romance histórico.

Eulália Leurquin e Angélica Gondim, em ***A coerência interativa no discurso político de posse e sua didatização em sala de aula da Educação Básica***, focalizam um gênero ainda pouco utilizado em sala de aula, o discurso de posse, de três mulheres representativas da vida política brasileira, cada qual em seu tempo. O intuito é rastrear marcas do espaço enunciativo, das vozes, posicionamentos e modalizações quanto aos diferentes conteúdos tratados, tendo como meta o alcance dos dois objetivos traçados: analisar em que o discurso de posse muda no tempo e apresentar uma proposta de didatização do discurso de posse para o ensino médio.

No artigo seguinte, intitulado ***O debate político: um gênero para o ensino da oralidade***, Gustavo Lima e Fatiha Dechicha Parahyba trazem reflexões sobre o gênero debate político à luz do diálogo entre Interacionismo Sociodiscursivo e Tradição Discursiva. Com base em análise de dois exemplares de debates entre presidentiáveis realizados no Brasil, em contextos históricos extremos (1989 e 2018), os autores detectaram regularidades e mudanças nessa prática linguageira. Assim, foi possível delinear as dimensões ensináveis do gênero debate político com vistas à apresentação de um esboço de modelo didático, salientando a relevância de incorporar os aspectos paralinguísticos, multissemióticos e cinésicos envolvidos na construção da significação.

Na sequência, encontra-se o artigo ***Possibilidades de trabalho com as Tradições Discursivas na aula de português: considerações a partir das habilidades da BNCC-EM***. Os autores Ewerton Luna e Herica Lima partem da identificação de elementos que remetem ao ensino e aprendizagem da língua por meio das tradições discursivas, nas habilidades de Língua Portuguesa presentes nesse documento norteador do ensino, para reconhecer, nessas habilidades, espaços reais e possíveis para um trabalho com as tradições discursivas em sala de aula. Como pano de fundo a sustentar o estudo e sobretudo as propostas apresentadas, os autores destacam o papel central da figura do professor no processo de educação.

No fechamento deste dossiê, Antonia Coutinho, em ***Interacionismo Sociodiscursivo e Tradições Discursivas: convergências e divergências***, propõe uma discussão mais geral ao ressaltar o que aproxima e o que distancia a corrente conhecida como Interacionismo Sociodiscursivo e a Linguística integral preconizada por Coseriu, focalizando igualmente a filiação coseriana e o enquadramento teórico da noção de Tradições Discursivas. Ancorada em reflexões levantadas, a autora destaca a condição social e dialógica da historicidade humana e assim reitera o interesse, manifestado nos objetivos do HISTEL, de dar

continuidade à tarefa de uma linguística do texto, tal como concebida por Coseriu, no sentido de compreender e justificar a autonomia do nível textual.

As contribuições mostram que analisar a historicidade de gêneros orais, manuscritos, impressos e digitais, com foco na didatização, aponta para questões teóricas, metodológicas e analíticas que enriquecem o debate sobre um ensino que contribua para uma formação criativa, crítica e cidadã, como também levanta possibilidades e reflexões sobre a possível articulação entre ISD e TD. O objetivo maior é, pois, mostrar que os estudos das mudanças e permanências dos gêneros contribuem para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos, como sujeitos sociais e históricos que são.

Neste dossiê temático *Historicidade e ensino: reflexões sobre os gêneros em diferentes línguas*, os autores, além das discussões e reflexões apresentadas, empenharam-se, por um lado, em estabelecer uma interlocução em torno das práticas de linguagem situadas historicamente e, por outro, em apresentar formas novas de conceber o agir de linguagem que se realiza mediado por gêneros de texto em contextos históricos distintos. Em suma, o dossiê consistiu no cruzamento de duas perspectivas teórico-metodológicas: o Interacionismo Sociodiscursivo e as Tradições Discursivas. Um ponto de encontro capaz de lançar luz em novas perspectivas de ensino e de aprendizagem de línguas sob o prisma da historicidade.

Aurea Zavam (UFC)

Fatiha Dechicha Parahyba (UFPE)

Joaquim Dolz (UNIGE)

Valéria Severina Gomes (UFRPE)

Referências:

ANDRADE, Maria L. C. V. O.; GOMES, Valéria S. (Org.). Tradições discursivas do Português Brasileiro: Constituição e mudança dos gêneros discursivos. Ataliba T. de Castilho (Coord. Geral). *História do Português Brasileiro*, vol. 7, São Paulo: Contexto, 2018. p.23-43.

BRONCKART, Jean-Paul. P. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: EDUC, 2012.

COSERIU, Eugenio. *Fundamentos y tareas de la Linguística Integral*. In: Plenario Inaugural del II Segundo Congreso Nacional de Linguística. Facultad de Filosofía, Humanidades e Artes, da Universidad Nacional de San Juan, Argentina. 16-19 de setembro de 1981.

KABATEK, Johannes. Die Bolognesische Renaissance und der Ausbau romanischer Sprachen. Juristische Diskurstraditionen und Sprachentwicklung in Südfrankreich und Spanien im 12. und 13. Jahrhundert. [Sobre a historicidade de textos. Capítulo trad.: José da Silva SIMÕES, *Linha d'água* (São Paulo) 17, p.159–170, 2005]. Tübingen: Niemeyer, 2005.

KABATEK, Johannes. Tradição discursiva e mudança lingüística. In: LOBO, Tânia et. al. *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*. v. 6. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2006, p. 505-530.

KABATEK, Johannes. Tradición e innovación: La lingüística moderna desde Saussure hasta el siglo XXI. *ANADISS*, 20, 2015, p. 15-32.

KOCH, Peter. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. In: FRANK, Barbara; HAYE, Thomas; TOPHINKE, Doris (Eds.). *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*. Tradução de Alessandra Castilho Ferreira da Costa. Tübingen: Narr, (ScriptOralia, 99), 1997, p. 01-18.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução Roxane Rojo e Gláís Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.